

**COLONIZAÇÃO, EXPLORAÇÃO E DOMINAÇÃO  
NA NARRATIVA *TERRA CAÍDA*, DE JOSÉ POTYGUARA**

*Darlan Machado Dorneles* (UFAC)

[darlan.ufac@yahoo.com.br](mailto:darlan.ufac@yahoo.com.br)

*Lindinalva Messias do Nascimento Chaves* (UFAC)

[lindinalva.messias@yahoo.com.br](mailto:lindinalva.messias@yahoo.com.br)

*Gerson Rodrigues de Albuquerque* (UFAC)

[gerson.sacy@gmail.com](mailto:gerson.sacy@gmail.com)

**RESUMO**

O presente estudo faz parte do projeto de dissertação de Mestrado em Letras: Linguagem e Identidade da UFAC, intitulado *O Léxico da Obra "Terra Caída", de José Potyguara*, de Darlan Machado Dorneles (2017), em desenvolvimento sob a orientação da Profa. Dra. Lindinalva Messias do Nascimento Chaves. Neste ensaio, busca-se analisar as complexas relações de colonização, exploração e dominação do dono do seringal coronel Antônio Monteiro com os feitos “seringueiros” na narrativa *Terra Caída*, de José Potyguara da Frota e Silva, à luz das leituras, reflexões e discussões estabelecidas durante a disciplina Cultura, Linguagens e Sociedades Amazônicas, do referido programa de mestrado, ministrada pelo Prof. Dr. Gerson Rodrigues de Albuquerque. A obra em questão, ficcional, segue fatos históricos do Ciclo da Borracha (1979-1945) e faz uma denúncia da colonização, exploração e dominação dos “povos amazônicos ou da floresta”, bem como descreve a trajetória do sujeito migrante que foge da seca e da fome do Ceará em busca de uma nova vida. Em um primeiro momento, o presente trabalho apresenta o autor e a obra, em um segundo momento, as definições de colonização, exploração e dominação, analisando a relação do coronel Antônio Monteiro com os “seringueiros”. Nessa relação percebe-se a subordinação e aceitação, por parte do “seringueiro”, da condição desumana de escravo e até “condenado da floresta Amazônica”. O coronel Antônio Monteiro é um representante legítimo do colonizador, explorador e dominador que expandiu suas terras utilizando-se de violência generalizada, do genocídio de índios, que resultam em uma colonização de mentes e o fazem imperar na comunidade local.

**Palavras-Chave:** Colonização. Exploração. Dominação. Acre.

**1. Introdução**

Na obra *Terra Caída*, de José Potyguara da Frota e Silva, embora seja uma produção ficcional, registra-se e denuncia-se a vida de coloni-

zação, exploração e dominação dos que têm sido classificados “povos amazônicos ou da floresta”.

A referida obra, pautada em fatos históricos do Ciclo da Borracha (1979-1945) no Acre, revela em seus 59 capítulos e 291 páginas, a luta do homem migrante do Ceará e de outros locais, em um ambiente distante, inexplorado, hostil, cheio de doenças e de animais perigosos, bem como a força diária e o sofrimento no trabalho da exploração da borracha para pagar ao patrão e garantir a sobrevivência. Diante disso, busca-se no presente ensaio, estabelecer liames entre o projeto de dissertação intitulado *O Léxico da Obra "Terra Caída"*, em desenvolvimento no Programa de Mestrado em Letras: Linguagem e Identidade – UFAC, sob a autoria de Darlan Machado Dorneles e orientação da Profa. Dra. Lindinalva Messias Chaves, e as leituras, discussões e, principalmente, as reflexões feitas na disciplina Cultura, Linguagens e Sociedades Amazônicas, ministrada pelo Prof. Dr. Gerson Rodrigues de Albuquerque no referido curso de mestrado.

Dessa forma, analisam-se as relações de colonização, exploração e dominação do seringalista Antônio Monteiro com o “seringueiro” na obra *Terra Caída*, de José Potyguara da Frota e Silva. O tema não é novo, tendo sido tratado recentemente por, Keila Maria Silva Teixeira Oliveira, Miguel Nenenvé e Sônia Maria Gomes Sampaio (2016), no entanto, propõe-se no presente estudo trazer para a discussão outros autores, tais quais Gerson Rodrigues de Albuquerque (2016) e João Veras de Souza (2016), acreanos, que têm refletido sobre questões relacionadas ao poder e ao colonialismo na Amazônia e Walter D. Mignolo (2005), argentino, que discute a ideia de América Latina.

No tocante à estrutura do presente ensaio, inicialmente descreve-se o autor José Potyguara da Frota e Silva, a história, os personagens, o tempo e o espaço da obra em análise; em seguida, após a apresentação de questões referentes à colonização, à exploração e à dominação, busca-se visualizar esses elementos na relação do grande seringalista Antônio Monteiro com os ditos “seringueiros”.

## **2. Sobre o autor**

Sobre a vida do autor da obra, registra-se que José Potyguara da Frota e Silva, segundo informações disponibilizadas em Melo (2010), nasceu em 1909 e faleceu em 1991. Formou-se em direito em sua cidade

natal, Sobral, no estado do Ceará, e, posteriormente, veio a exercer o cargo de Promotor Público do Território do Acre, mais precisamente em Tarauacá, que, na época, se chamava Seabra, exercendo esse cargo até 1930. No tocante à sua produção literária, destaca-se que publicou diversos livros, dentre eles, *Sapupema: Contos Amazônicos* (1942), *Vidas Marcadas* (1957), *Terra Caída* (1961) e *Do Seringal ao Asfalto* (1984). Ademais, José Potyguara da Frota e Silva escreveu peças de teatro, colaborando com jornais locais, tendo uma literatura amazônica que, de forma ficcional, imaginativa e profunda, mostra o choque entre o homem e a selva, em um “[...] dos quadros mais belos e trágicos de nossa história, em que o ser humano, duplamente, resistiu aos entraves da natureza e da perversidade humana”. (MELO, 2010, s./p.)

### 3. *Sobre a obra*

A narrativa *Terra Caída* é atravessada por diversas histórias e personagens que se cruzam, registrando e revelando um período de riqueza na extração da borracha, no início do enredo, e um período de crise no final. Revela-se, também, um imaginário construído pelo poder da escrita literária regional da Amazônia brasileira.

Os personagens, seres inventados, que realizam a ação, agem ou falam (GANCHO, 2002, p. 14) na narrativa são os seguintes: Chico Bento, personagem principal; filha mais nova de Chico Bento (morre no começo da narrativa de malária); Maria, esposa de Chico Bento; filho recém-nascido de Chico Bento (morre devorado por uma onça); Policárpio, amigo de Chico Bento (morre esmagado por uma sapopema); Rosinha, filha de Policárpio; Nonato, noivo de Rosinha; Dona Chiquinha, esposa de Policárpio; Zé Rufino, pai de Nonato (morre em uma armadilha feita pelo filho); Tomaz, homem de confiança do patrão que é morto por Nonato; Coronel Antônio Monteiro, dono do seringal, respeitado na região, juiz de paz, rico e poderoso; Dona Laura, esposa do coronel Antônio Monteiro, tem pavor de seringal, vive em Belém; Gertrudes, mãe de Dona Laura; Sogro Português do Coronel, comerciante em Belém (PA); Luísa, irmã de Dona Laura; Joana, negra, cozinheira do coronel Antônio Monteiro; Conrado, guarda-livros, escrivão de paz e primeiro homem de confiança do coronel Antônio Monteiro; Tibertino, chefe do armazém; Anália, esposa de Tibertino e amante do coronel Antônio Monteiro; Mané Ferreira, seringueiro picado por uma sururuçu; Mr. Scott ou Acari, inglês, médico do seringal e fumante de tabaco; Zé Barbosa, funcionário

postal; Elza, professora do seringal; Benedito, filho de Joana; Trindade, velho mais antigo do seringal, é mordido por um jacaré e tem a perna amputada; Zequinha – sem nenhuma descrição; Nero, cachorro de caça de Zé Rufino e Tomaz; Paulinho, sobrinho do coronel Antônio Monteiro; Elias Abdala, regatão; Zé Ambrósio, seringueiro respeitado, fugido da cadeia do Quixadá por ter matado dois em uma briga; Zeferino, seringueiro que matou Sebastião por desrespeitar sua esposa; Regina, esposa de Zeferino; Sebastião, morto por tentar abusar sexualmente da esposa de Zeferino; Vicência, esposa falecida de Zé Rufino e mãe de Nonato; Mané Teles, sanfoneiro e Manoel, outro funcionário do coronel Antônio Monteiro. (POTYGUARA, 2007)

No que diz respeito ao enredo, a narrativa começa com a chegada em uma gaiola (embarcação fluvial) de Chico Bento e sua família ao seringal do coronel Antônio Monteiro. Chico Bento, fugindo da seca de sua terra natal, o Ceará, vem em busca de melhorar a vida. Ele perde a filha de 05 anos, vítima de impaludismo (malária), o que entristece muito sua esposa, Maria, e sua filha de 12 anos, Maria do Carmo. Porém, como um milagre, sua esposa fica grávida e nasce um menino para fazer renascer sua alegria. No entanto, outra tragédia acontece: enquanto Chico Bento trabalhava na extração da borracha, sua esposa lavava roupa no igarapé e sua filha havia saído para buscar água, aparece uma onça que devora seu filho, com oito meses de idade à época do ocorrido. A partir desse acontecimento, Maria e Maria do Carmo não queriam mais ficar sozinhas, pois imperava nelas o medo e a tristeza. (POTYGUARA, 2007)

Chico Bento decide falar com o patrão, coronel Antônio Monteiro, para sair do centro<sup>71</sup> e ir morar na margem, vivendo da agricultura. Policárpio, vizinho de Chico Bento e seu amigo desde o Ceará, é morto esmagado por uma Sumaumeira. Dona Chiquinha, esposa de Policárpio, fica cega ao colocar muita pólvora numa velha espingarda na tentativa de matar uma embiara – animais pequenos da mata para alimentação. Rosinha, filha do casal, com o pai morto e a mãe cega, termina o namoro com Nonato, filho de Zé Rufino e Vicência. Nonato, por sua vez, após perder sua mãe, descobre que seu pai, Zé Rufino, tinha um caso com Rosinha e, por meio de uma armadilha deixada na porta da barraca da ex-namorada, mata seu pai. Quando ele é levado à margem, para ser julgado pelo pa-

---

<sup>71</sup> O seringal do coronel Antônio Monteiro estava dividido em margem (local a margem do rio Juruá em que se situava o armazém, escritório, barracão e casa do grande seringalista) e centro (local dentro da floresta em que residiam os seringueiros).

trão, mata com uma faca Tomaz, amante de Rosinha. O patrão, coronel Antônio Monteiro, homem respeitado, rico e poderoso, 50 anos, é o dono do seringal, não é feliz, casou-se com Dona Laura, 19 anos, moça jovem que detesta seringal. (POTYGUARA, 2007)

Dona Laura, após ter uma filha com o coronel Antônio Monteiro, vai morar em Belém (PA). O coronel vai à formatura do sobrinho Paulinho, que volta com o tio. Paulinho começa a se interessar pela Professora Elza, mas não consegue concretizar o namoro devido aos interesses do tio pela moça. Paulinho parte para Belém, Elza, após quase ser abusada sexualmente pelo coronel Antônio Monteiro vai para Manaus, no Amazonas, juntamente com Dona Maroca, que está doente, e seu esposo, Conrado. O coronel faz uma visita à professora Elza e, ao voltar de uma investida fracassada, abre uma carta que estava destinada a Paulinho. Lendo-a, descobre a traição de sua esposa com o sobrinho. O parágrafo final da carta dizia:

Desde que partiste, nunca passei nem saio de casa, pois só me sinto feliz na tua companhia. Minha saudade aumenta cada dia e tua ausência se prolonga. Por quê? Deixa o velho aí, trabalhando pra nós, e vem depressa! Ansiosamente te espera tua Laura. (POTYGUARA, 2007, p. 262-263)

Assim, diante da crise da borracha, o roubo do armazém, a traição de Tiburtino e Anália, a morte de Tomaz, a tentativa de revolta dos “seringueiros”, a recusa de Rosinha e Elza e, principalmente, a prova viva do adultério da esposa com o sobrinho tido como filho, o coronel sofre grande abalo emocional, que, inclusive, o faz pensar em toda a riqueza que conquistou, mas que, até o presente momento não foi o suficiente para fazê-lo feliz. Em consequência desses eventos e abalo decorrente, o coronel Antônio Monteiro cai no chão, com o rosto arroxeadado, a boca torta, resultado de uma congestão súbita. Mr. Scott, médico do seringal, passa a noite cuidando do patrão que, com o decorrer dos dias, vai melhorando de forma rápida. No entanto, seus problemas ainda não tiveram fim. A tragédia final ocorre às 00h quando o barranco da margem desaba, “carregando o armazém inteiro, com toda a mercadoria, e mais o escritório, com o cofre e a livralhada e o borrado do fiado” (POTYGUARA, 2007, p. 279). O coronel Antônio Monteiro, que já tivera sua saúde atingida, agora tem seus bens e fortuna levados para o fundo do rio Juruá pelas terras caídas do barranco em que se situava seu seringal. No final da narrativa, Chico Bento, sua esposa e a filha, que estava, no momento, doente, vão embora do seringal com destino à tão sonhada terra natal, o Ceará. (POTYGUARA, 2007)

O narrador, elemento de extrema importância na narrativa, é heterodiegético ou observador, ou seja, “sabe tudo sobre a história” (GANCHO, 2002, p. 27) e “está presente em todos os lugares da história”. (GANCHO, 2002, p. 27)

O tempo, elemento também fictício, é entendido na teoria literária de abordagem tradicional, como a época em que ocorre a narrativa, a duração da narrativa e os momentos, em uma perspectiva cronológica, em que acontecem os fatos narrados ou mesmo agem, falam e pensam os personagens (GANCHO, 2002, p. 20-21). Na narrativa em estudo, de forma ficcional, como já mencionado, o tempo é o Ciclo da Borracha (1979-1945) no Acre. A história começa a ser contada pelo narrador como observador dos tempos áureos da borracha, época de grande riqueza para o “seringalista” e a sociedade amazônica. Essa riqueza termina com a crise em que a borracha amazônica perde o valor. A desvalorização do preço da borracha ocorre devido à concorrência com a Malásia, o que fez baixar o seu preço, arruinando a economia regional. Ainda em relação ao tempo, é uma narrativa cheia de acontecimentos que ocorrem de dia, de tarde e de noite e se desenrola, na interação pela fala, escrita ou pensamentos. (POTYGUARA, 2007)

O espaço ou ambiente, “lugar onde se passa a ação” (GANCHO, 2002, p. 23), é a Amazônia, o Acre e, mais precisamente, o seringal do coronel Antônio Monteiro – Seringal A. M. situado à margem do rio Juruá. Sobre isso, conforme o olhar do narrador tem-se conhecimento de que:

Num campo apertado entre a mata e o rio, a sede do seringal é apenas um embrião do povoado, um arremedo de rua paralela ao barranco. Perto do porto, o primeiro casarão de madeira, coberto de zinco, é o armazém. Ao lado, ligado por trapiche de paxiúba, o escritório ostenta na fachada duas letras grandes: A. M. – iniciais do Coronel Antônio Monteiro. Em seguida, estão a casa do Tiburtino, a do guarda-livros, a escola, o curral e, por último, a residência do proprietário, um bonito chalé de madeira de lei, cercado de varandas. Por trás, beirando o aceiro da mata, sem preocupação de arruamento, o engenho, a casa de farinha, a barraca do mateiro e algumas outras, de trabalhadores do campo. Mais distante, já do outro lado do igarapé, o barracão de hospedagem e o paiol de inflamáveis, prudentemente isolado por uma cerca de arame farpado. (POTYGUARA, 2007, p. 32)

O seringal do coronel Antônio Monteiro situado às margens do rio Juruá e distante “quatro dias de rio abaixo” (POTYGUARA, 2007, p. 28) de Cruzeiro do Sul (AC) apresenta, como se percebe na citação acima, uma estrutura que mostra de um lado o explorador e dominador e, de ou-

tro, o explorado e dominado. A casa do dono é a mais elegante e completa, o armazém e o escritório são locais exclusivos para compras de mercadorias, as casas dos funcionários, a escola, o curral, o engenho, a casa de farinha, o paiol e todas as colocações de corte da seringa pertencem ao grande seringalista ao qual todos devem tanto dinheiro quanto favores, imperando um regime colonialista e escravista.

#### **4. Obra e contexto histórico**

##### **4.1. Colonização, exploração, dominação e consciência**

A colonização, realidade constante em todas as sociedades humanas, é um processo de expansão para novos espaços geográficos, impondo, com base em atos de exploração, dominação e por meio do discurso hegemônico bem elaborado e posto como verdadeiro, a história, a língua e a cultura (SILVA & SILVA, 2009, p. 67). Para Kalina Vanderlei Silva e Maciel Henrique Silva (2009, p. 69), em outras palavras:

[...] o conceito de colonização tem tanto o caráter de ocupação e cultivo de novos territórios como de domínio, exploração e instalação cultural, pois a cultura do colonizador é transposta para o novo território. Na maioria dos casos, entretanto, o território colonizado já está ocupado, com habitantes que possuem cultura e estruturas sociais próprias, o que pode dar margem a diferentes formas de contato e ao nascimento de novas sociedades. Não esquecendo, ainda, que a violência e o conflito estão, em geral, presentes na maioria dos processos de colonização, pois a fixação de uma cultura em território já ocupado gera não apenas a imposição de valores culturais, mas também o controle físico sobre os dominados e a resistência por parte desses.

A colonização é um processo violento e conflituoso de explorar e dominar. Segundo Walter D. Mignolo (2005, p. 30), a colonização é o procedimento de fazer imperar a noção de que os colonizados não são seres humanos e não fazem jamais parte da história. A colonialidade, ainda em conformidade com Walter D. Mignolo (2005, p. 32), traz à tona o controle, a exploração e a dominação que estão ocultos, mascarados e escondidos no discurso “de salvação, progresso, modernização e do bem comum”. João Veras de Souza (2016, p. 37), fazendo a distinção entre colonialismo e colonialidade, afirma que o colonialismo

[...] significa o regime de poder instalado por ocasião dos processos históricos da colonização das Américas e também dos países africanos e asiáticos, que se servia para a dominação institucional e cultural dos europeus sobre os povos originários daqueles continentes,

bem como a colonialidade “[...] é a herança que se mantém até hoje da-

quele regime desta feita como um padrão uma matriz colonial de poder global”.

Na narrativa em análise, como também apontado por Keila Maria Silva Teixeira Oliveira, Miguel Nenenvé e Sônia Maria Gomes Sampaio (2016, p. 23), o coronel Antônio Monteiro é um exemplo visível da figura do colonizador, dominador e explorador, ou seja, é dono de tudo, “delegado, juiz, rei, papa, o diabo” (POTYGUARA, 2007, p. 28), impondo, mandando e explorando os homens feitos “seringueiros” na floresta Amazônica. Sobre isso, Keila Maria Silva Teixeira Oliveira, Miguel Nenenvé e Sônia Maria Gomes Sampaio (2016, p. 23) afirmam que “tudo deve estar de acordo com sua vontade, nem que para isso tenha que passar por cima da ética, moral e decência”. Aos outros resta “apenas baixar a cabeça num ato de extrema submissão” diante da crueldade da colonização, dominação e exploração humana. Quase sem nenhum ato de resistência frente ao mais forte, aceitam calados e se conformam.

O seringal, segundo José Potyguara da Frota e Silva (2007, p. 27), “[...] pertence ao coronel Tônico Monteiro, homem trabalhador, de grande coragem e maior ambição”. O caráter e personalidade do coronel estão bem explícitos no trecho que segue:

Essas qualidades e trinta estradas de seringa foi tudo o que herdou do pai, em 1880, quando a extração da borracha começava a despertar ganância *naquelas florestas inóspitas e perigosas. Moço, audacioso e sem escrúpulos, aos poucos foi ampliando o seringalete, comprando pedaços das propriedades vizinhas e estendendo-se para o interior, mediante usurpação de enormes trechos conquistados à bala, em sanguinárias correrias contra tribos de índios.* (POTYGUARA, 2007, p. 27 – Grifo nosso)

Os indígenas eram vistos, assim como os cearenses e outros povos que vieram habitar os seringais, como seres inferiores. Foram dizimados. Com o passar do tempo, o coronel consolida seu poderio e domínio do seringal.

Agora, quase trinta anos depois, assegurada a posse do grande latifúndio, *o coronel Tônico Monteiro é respeitado na região, tem dinheiro em banco e crédito nas praças de Manaus e Belém. Sua influência comercial granjeou-lhe a nomeação de juiz de paz do seringal, cargo decorativo que ele exerce ditatorialmente, em proveito próprio, aumentando sua autoridade de patrão mediante uma justiça vesga que extravasa em violências contra seringueiros indefesos.* (POTYGUARA, 2007, p. 27-28 – Grifo nosso)

Esse é o retrato do coronel. Por outro lado, ainda que submisso e dominado, Chico Bento começa a ter consciência de sua real situação e a de seus companheiros de trabalho.

E Chico Bento põe-se a refletir na soma de sacrifícios que aqueles milhares de bolas negras custaram a ele e aos companheiros. Quanto suor derramado; quantas idas e vindas, palmilhando, diariamente, os mesmos varadouros úmidos e sombrios; quantas madrugadas; quantos dias de trabalho estafante, entrando pela noite na tarefa da defumação! *E enquanto muitos arriscam a vida no centro da mata, o patrão enriquece no conforto de seu bonito chalé.* (POTYGUARA, 2007, p. 34 – Grifo nosso)

Reafirma-se na reflexão de Chico Bento a existência de uma forma de vida sofrida e cruel. Outros trechos da obra mostram a dominação do coronel e as tentativas de argumentação de Chico Bento, que, mesmo frágil perante o patrão, demonstra a consciência dos fatos.

Oferecendo-lhe uma xícara de café, disse:

– Estou informado de tudo, Chico Bento. Porém, o rapaz não tem culpa: cumpre minhas ordens. De fato, *não permito a seringueiro nenhum abrir roçado na minha propriedade.*

– Mas, coronel, meia dúzia de pés de milho, de feijão e mandioca não é roçado! – responde Chico Bento.

– Sim. Mas sempre rouba tempo ao trabalho da seringa.

– Aquilo foi plantado em hora de folga e limpado de enxada por minha mulher e minha filha. Não roubou tempo. Apesar de brabo, em quatro meses eu já fiz seis borrachas! (POTYGUARA, 2007, p. 36 – Grifo nosso)

A argumentação é silenciada diante da finalização peremptória do coronel, atendendo unicamente a seus interesses: “– *Mas a proibição é geral, é pra todos! – conclui o patrão*”. (POTYGUARA, 2007, p. 36 – Grifo nosso)

## **5. Considerações finais**

No presente estudo, tentou-se mostrar a relação de colonização, exploração e dominação do coronel Antônio Monteiro com os “seringueiros” subordinados, em total condição de inferioridade, escrava e até considerados “condenados da floresta”.

Feito isso, na primeira parte apresentou-se José Potyguara da Frota e Silva, a história, o narrador, os personagens, o tempo e o espaço da obra em análise; em um segundo momento, apresentaram-se os conceitos de colonização, exploração e dominação, revelando a relação do coronel Antônio Monteiro com os seus “seringueiros” subordinados e fiéis ao seu projeto colonizador, dominador e explorador da borracha. Em relação à primeira parte do trabalho, pode-se destacar que a obra em análise é uma

página viva de tudo que foi instituído como história, língua e cultura acreana, como também, no que diz respeito à segunda parte, é visível a “[...] relação de poder e subordinação entre o colono e colonizado, a relação de culpabilidade” (OLIVEIRA, NENEVÉ & SAMPAIO, 2016, p. 26) e, principalmente, a vontade de mudar a condição de vida por parte dos mais fracos.

O Acre, neste sentido, é, mesmo que apenas em um período histórico, linguístico e cultural caracterizado pelo Ciclo da Borracha (1979-1945), representado em *Terra Caída* “como um dado objetivo, um dado natural, com uma cultura, uma identidade, uma história, um tipo de gente, uma vegetação, uma fauna” (ALBUQUERQUE, 2016, p. 26), entre outros elementos, que, moldados no poder da escrita imaginativa, criativa e ficcional, são divulgados e, até muitas vezes não discutidos, refletidos e questionados, tanto no âmbito nacional quanto internacional.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de. Acre. In: ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de; PACHECO, Agenor Sarrf. *Uwakirri: dicionário analítico*. Rio Branco: Nepan, 2016.

GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. São Paulo: Ática, 2002.

MELO, Isaac. *José Potyguara: intérprete da alma acreana*. 2010. Disponível em: <<https://almaacreana.blogspot.com.br/2010/04/jose-potyguara-intereprete-da-alma.html>> Acesso em: 11-06-2017.

MIGNOLO, Walter D. *La ideia de America Latina*. Barcelona: Gedisa, 2005.

OLIVEIRA, Keila Maria Silva Teixeira; NENEVÉ, Miguel; SAMPAIO, Sônia Maria Gomes. Discurso e poder: um olhar sobre a obra *Terra Caída*, de José Potyguara. *Revista Igarapé*, vol. 1, n. 2, Porto Velho: UNIR, 2016.

POTYGUARA, José. *Terra caída*. São Paulo: Globo, 2007.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 2009.

SOUZA, João Veras de. *Seringalidade: a colonialidade no Acre e os condenados da floresta*. 2016. Tese (de Doutorado em Ciências Humanas). – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.